

OS CRAVOS E A NEBLINA

Maria do Sameiro Barroso

Também eu sonhei com cravos a ornamentar os olhos,
os capacetes e os canos das espingardas.
Trémula era então a luz dos dias, onde a seiva,
de súbito, fermentava, de súbito explodia.
Também eu sonhei com os cravos e o silêncio,
nas ruas da alegria.
Também eu sonhei com o 25 de Abril,
e com os seus dias coroados de um ébrio triunfo.
A poesia estava nas ruas, nas canções de Zeca Afonso,
nos murais de Vieira da Silva, nos poemas
de Sophia de Mello Breyner,
ou nas jornadas inéditas de vida, liberdade e luta.
Era tudo novo, as gentes, as cores, os partidos.
Gostava dos dias assim, da sua frescura turbulenta,
mas por vezes perigosa, quase explosiva.
Mas eram ainda dias cheios de cravos, fulgor.
Uma nova realidade instalava-se.
Podia-se fazer tudo, pôr em prática teorias, sonhos,
experimentar as fórmulas, no passado reprimidas.
E as tentativas sucederam-se, os golpes,
os contragolpes.
Com eles vieram os desvios, os tumultos, os excessos,
e as canções desvirtuaram-se.
Nas ruas, à deriva, andavam as canções da utopia,
entre cravos já murchos, cobertos de neblinas gastas.
São assim as utopias, nascem, crescem,
desenvolvem-se.
Depois gastam-se, desfazem-se,

deixando, atrás de si, uma aura de triunfo,
magia, descoberta.
e uma mecânica fantástica, que se desenvolve
e floresce ainda, dentro dos nossos olhos.
Delas restam os cravos, os cheiros e a intensidade das cores.
Foi assim o 25 de Abril.
São assim as revoluções, os cravos, as utopias.
Criam expectativa, deixam um travo doce-amargo,
e saudades, muitas saudades,
sobretudo daquilo que, verdadeiramente,
nunca chegaram a ser.

Data de recebimento: 25 de abril de 2014

Data de aprovação: 30 de maio de 2014